



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Bloco 3

Corpos dissidentes na produção de outras territorialidades: entre a casa, a rua e o palco

Corpos em Performance
“Voguing” e Dissidências nas Narrativas Urbanas

Roney Gusmão do Carmo

Universidade Federal do Recôncavo Baiano

Corpos em Performance: “Voguing” e Dissidências nas Narrativas Urbanas

Resumo:

O texto é a transcrição da fala do autor na Mesa 04 (Corpos dissidentes e territorialidades outras) do Colóquio Cidades Sexuadas. Roney Gusmão analisa o “voguing” como prática performativa dissidente, articulando gênero, raça e classe para discutir narrativas urbanas, regimes de visibilidade e estratégias estéticas de resistência produzidas por corpos LGBTQIA+ historicamente marginalizados no espaço urbano contemporâneo global capitalista.

Palavras-chave: Voguing; Corpos dissidentes; Performance; Territorialidade; Espaço urbano.

Cuerpos en Performance: “Voguing” y Disidencias en Narrativas Urbanas

Resumen:

El texto es una transcripción de la intervención del autor en el Panel 4 (Cuerpos Disidentes y Otras Territorialidades), del Coloquio Ciudades Sexuadas. Roney Gusmão analiza el “voguing” como una práctica performativa disidente que articula género, raza y clase para debatir las narrativas urbanas, los regímenes de visibilidad y las estrategias estéticas de resistencia producidas por las personas LGBTQIA+ históricamente marginadas en el espacio urbano capitalista global contemporáneo.

Palabras clave: Voguing; Cuerpos disidentes; Performance; Territorialidad; Espacio urbano.

Bodies in Performance: Voguing and Dissidence in Urban Narratives

Abstract:

The text is a transcript of the author's speech at Panel 04 (Dissident Bodies and Other Territorialities) of the Gendered Cities Colloquium. Roney Gusmão analyzes voguing as a dissident performative practice, articulating gender, race, and class to discuss urban narratives, regimes of visibility, and aesthetic strategies of resistance produced by LGBTQIA+ bodies historically marginalized in the contemporary global capitalist urban space.

Keywords: Voguing; Dissident bodies; Performance; Territoriality; Urban space.

Meu nome é Roney Gusmão, sou professor da UFRB do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas. Atualmente as minhas pesquisas estão em torno da educação, mas eu estudo também pós-modernidade de gênero, sobretudo dentro das discussões da teoria queer, e sobre espaço urbano, uma vez que eu tenho a formação de Geografia e em Artes Visuais (ambas são licenciatura).

A minha fala hoje está em torno de uma pesquisa que eu desenvolvi no pós-doutorado que fiz na Universidade do Porto, entre 2018 e 2019. Durante este período, eu desenvolvi uma pesquisa sobre o *voguing*. Eu fiz uma pesquisa a respeito de todo o repertório teórico de marcadores epistemológicos que envolvem este elemento, essa expressão cultural que, para mim, é muito significativa. Então eu fiz todo o apanhado teórico em torno disso para depois partir para a parte empírica aqui no Brasil.

Então, logo na sequência, após o pós-doutorado, não consegui fazer, mas agora eu estou retomando, exatamente para começar a frequentar os *balls* aqui no Brasil para desenvolver a pesquisa nessa segunda etapa. Então, naquele momento, eu fiz alguns trabalhos de campo em algumas áreas de subúrbio de Nova Iorque – exatamente com o intuito de extrair alguns discursos a respeito do papel que o *voguing* tem para a comunidade LGBT naquele contexto territorial – para, em seguida, pensar em como isso reverbera, atualmente, dentro de outros espaços urbanos, a exemplo de algumas cidades aqui no Brasil.

Então, eu queria orientar minha fala a partir de alguns conceitos teóricos que entendo serem muito importantes para entender o que é o *voguing* e o significado que isso tem para a comunidade LGBT – hoje, não mais restrita a Nova York, mas, obviamente, expandida para diversos espaços ao redor do mundo. O primeiro conceito que eu trabalhei foi a ideia de pós-modernidade, que eu trabalho já há algum tempo, mesmo assumindo os riscos de trabalhar com o conceito tão árido como esse, e que está longe de ser unânime, uma vez que é um conceito em construção, e é um conceito que também traz ambiguidade, sobretudo por conta do prefixo “pós”, que daria uma sensação de superação de características da modernidade.

A modernidade é entendida aproximadamente no contexto histórico entre o século XVII e a primeira metade do século XX, em que há essa hegemonia do pensamento racionalista, mas não qualquer pensamento racionalista. Pensamento racionalista absolutamente comprometido com um modelo étnico e civilizatório, a saber, burguês, branco, heterossexual e europeu. Então, esta racionalidade, ela é absolutamente monolítica, portanto, ela é absolutamente excludente. Então esse modelo de racionalidade, não que ela tenha deixado de existir, e por isso está a grande questão desse prefixo “pós”,

mas ela adquiriu novos contornos e se acoplou a novas variáveis, permitindo entender que a partir de metade do século XX, nós podemos viver um novo tempo, um novo momento, um novo que não implica na superação de, mas novas variáveis que são alocadas e, portanto, implica num contexto pós.

Pós por quê? Pode ser pós-industrial, pode ser pós-moderno, pode ser modernidade líquida, pode ser hipermodernidade; enfim, podem ser diversos conceitos que impliquem neste período posterior à década de 1960, que me interessa pensar aqui agora. E o que é, precisamente, da década de 1960, meados do século XX, que implica transformações substantivas para que a gente entenda o que é o *voguing*?

É um período marcado pela eclosão de diversos movimentos sociais ao redor do mundo, que alguns deles têm início no norte global, mas que, em sequência, vão reverberando em novas perspectivas de pensar esses espaços, esses lugares e esses sujeitos excluídos a partir de outras possibilidades, com destaque, sobretudo, ao norte global, em meados do século XX. A gente pode pensar, por exemplo, na segunda onda do feminismo nesse período pós-Segunda Guerra, bem como na década de 1960, como exemplo desse momento.

No caso específico de Nova York, a gente tem o movimento a rebelião de Stonewall, em 1969, e em 1968 a rebelião denominada de Revolta Estudantil, estes são exemplos de um período em que há um descontentamento generalizado, ou pelo menos uma percepção generalizada de que o sistema racionalista (esse modo de pensamento racionalista que, por meio da ciência, prometia a inserção de tantos sujeitos), foi um sistema que sucumbiu ao fracasso.

Então, são esses sujeitos, esses corpos, que saem às ruas para dizer ao sistema que, do jeito que ele está, não está funcionando muito bem. Também nesse contexto, uma coisa que a gente começa a observar com mais intensidade, que vai acontecer no início do século XXI, é que aquelas grandes estruturas racionalistas do conhecimento, que o Lyotard (2009) chama de metanarrativas, começam a ser desacreditadas. Então, essas grandes promessas de redenção humana por meio, por exemplo, do socialismo, comunismo, do materialismo histórico dialético, essas explicações que são absolutamente universalistas e totalitárias, elas se tornam insuficientes para perceber as nuances dos muitos sujeitos ao redor do mundo.

Então, provavelmente o comunismo era uma proposta interessante no século XIX na Europa, mas possivelmente ela não dava conta das outras nuances, das outras especificidades. O mesmo acontece com a segunda onda do feminismo, quando a terceira

onda, no final do século XX, começa a contestar até mesmo o conceito unitário universalista do que é ser mulher. Neste sentido, o número de variáveis começa a insurgir, e os próprios sujeitos começam a perceber que esse *modus operandi* do racionalismo totalitário, não dá conta de perceber os muitos desvios.

Outro exemplo disto é o próprio movimento gay, que ali na Nova York de meados do século XX nasce como movimento GLS, mas que logo depois ele vai se fracionando em inúmeros sujeitos que se sentem excluídos desse modo de representatividade, a partir de uma lógica de pensamento de gays, brancos, heteronormativa de classe média de Nova Iorque.

Antes de dar seguimento a essa linha de pensamento, eu queria voltar à ideia de pós-modernidade para dizer que, a partir de meados do século XX (no contexto do pós-guerra), até mesmo o sistema capitalista se reinventa de modo a capturar novos nichos do mercado e cria, inclusive, novas estratégias de acumulação de capital, sobre o que David Harvey (2006) também, em algum outro momento, já falou.

Há também um processo de expansionismo, de tal forma que Featherstone (1991) lembra que há um processo de estetização da vida cotidiana. E o que é isso? A própria ideia de celebridade (aqui eu já estou começando a me aproximar um pouquinho do *voguing*), a própria ideia de celebridade *star system*, que, conforme Morin (1989), tem início no começo do século XX, com o cinema na década de 1930, quando começam a se criar borramentos de fronteiras entre ficção e realidade.

Então, aquela estrela de cinema, em que momento ela está interpretando? Em que momento é a vida real? Em que momento o espetáculo se encerra? Quando fecham as cortinas? Em que momento o espetáculo prossegue? Quando essa celebridade é perseguida por *paparazzi*? Então, esses borramentos de fronteiras entre vida comum e arte começam a se tornar mais explícitos ainda com o desenvolvimento dos incrementos das tecnologias informacionais a partir de meados do século XX, quando os sujeitos começam a acompanhar mais de perto esses corpos-estrela, esses corpos que ganham grande notoriedade, pelas próprias estruturas de mídia.

É importante lembrar que estamos falando de uma Nova York profundamente segregada, na qual áreas suburbanas como Harlem, Brooklyn, Queens e Bronx eram marcadas por processos intensos de marginalização. Nesses territórios, corpos negros LGBT enfrentavam camadas sobrepostas de exclusão. Ao mesmo tempo em que emergia o movimento GLS (ainda majoritariamente centrado em homens brancos, gays e alinhados a padrões heteronormativos das zonas mais centrais), esses sujeitos eram sistematicamente excluídos dos espaços e redes de sociabilidade considerados *gay friendly*, que

reproduziam barreiras raciais, territoriais e de classe em suas formas de pertencimento e reconhecimento.

Portanto, aqueles corpos destoantes, que não performatizassem, pela forma de andar ou de se comportar, os padrões hipervirís amplamente difundidos, inclusive pela mídia e incorporados como referência estética dominante, eram banidos desses espaços. Nos espaços guetificados, como no Harlem, começa a surgir uma reação à estrutura de desenvolvimento econômico implantada pelos Estados Unidos ao longo do século XX; porém, tratava-se de uma reação profundamente misógina e centrada na experiência masculina. Embora marcada pela negritude, essa resposta também produzia exclusões e segregações.

Então tinha, por exemplo, alguns movimentos na época, como o rap ou hip hop, que eram movimentos artísticos, culturais que não incluíam esses sujeitos, essas comunidades, esses espaços transgênero. Então, naquele contexto, esses sujeitos se sentiram absolutamente excluídos, em diversos marcadores, de ordem social, de ordem étnica e de ordem de gênero. A gente observa, assim, que esses sujeitos estavam absolutamente ignorados, absolutamente renegados.

Paralelamente, havia sujeitos que estavam excluídos desses espaços de representatividade e, ao mesmo tempo, havia um processo de difusão absurda de modos de comportamento bem reificados nessas estrelas, nesses star systems. A revista *Vogue*, por exemplo, que existe desde o século XIX, vai absorvendo características de diferentes conceitos de mulher sobre o que é ser mulher.

Se analisarmos os estudos sobre a revista *Vogue*, especialmente aqueles que examinam suas capas ao longo do século XX, percebemos mudanças significativas na forma como as mulheres eram representadas nesse espaço. Estamos falando de uma mídia profundamente carregada de concepções ideológicas, em um contexto em que os Estados Unidos buscavam confrontar outro modelo de sociedade: o socialismo soviético. Trata-se do período da Guerra Fria, intensificado na segunda metade do século XX, no pós-guerra, em que o governo norte-americano utilizou os meios de comunicação como instrumentos de doutrinação e difusão do chamado *American way of life* e do *American dream*. Esse modelo de vida era construído sobre a ideia de liberdade e de oportunidade e que bastaria trabalhar e se submeter às regras do sistema para alcançá-lo.

Quando chegamos nos anos 1970, estamos diante de um período de expansão da ideologia neoliberal, marcado pela exaltação do individualismo e dessa ideia de uma vida heróica, capitalista, absolutamente centrada no sujeito. Trata-se de um modelo que estimula as pessoas a investirem na própria singularização, ainda que essa singularização

seja mediada por artefatos de consumo. E é nesse processo que a revista *Vogue* se insere. Eu não estou dizendo que a *Vogue* é um mero substrato da ideologia neoliberal, mas, sobretudo, é uma divulgadora do *modus operandi* do sistema capitalista.

A moda, o expansionismo da moda, os artefatos de consumo, as celebridades que se dispunham em lojas de departamento, tudo isso acontece exatamente no período pós-guerra. A lógica é: as pessoas veem, por exemplo, Marilyn Monroe utilizando uma roupa e dizem: "*Eu quero usar aquela roupa*", e, de repente, encontram uma versão genérica daquela peça numa loja de departamento, acessível ao grande público. Isso passou a ser uma estratégia muito interessante de doutrinação, inclusive a respeito de um modo de vida. Afinal, a ideia de celebridade também passa pela sedução de um modo de vida.

Pensando nesses dois elementos: nós temos sujeitos que são segregados em diversos marcadores e o modelo de mídia que se propaga espetacularizando um ideal de corpo feminino, nós teremos ali sujeitos que agarram nesses marcadores estéticos como forma de expressão cultural. Em uma militância mais convencional, ou seja, uma militância mais radical, esse modelo de expressão cultural não passa de alienação. Porque, se uma pessoa performatiza os padrões estéticos que estão impressos numa revista que serve ao grande império do capitalismo, então essa expressão cultural, dentro dessa lógica, torna-se absolutamente alienada. Essa é uma prerrogativa baseada nesses movimentos revolucionários que nascem, sobretudo no século XIX, e que pensam a rebelião a partir de uma lógica unitária. Ou seja, quanto mais próximo dessa lógica, mais revoltoso é o sujeito. Quanto mais distante, menos revoltoso. Isso ainda é muito comum nos discursos acadêmicos nos dias de hoje.

Contudo, eu me inclino a uma perspectiva pós-estruturalista que entende a revolta, a rebelião, a resistência, a partir das mesmas lógicas (ou das mesmas ferramentas) que os sujeitos dispõem. A Judith Butler (2009) no livro *Corpos que importam* fala, por exemplo, uma coisa interessante: os sujeitos resistem a partir dos mesmos referenciais em que eles estão implicados, então ninguém deixa de existir socialmente para ser rebelde. Nós utilizamos as mesmas armas que nos são ofertadas, que estão ao nosso acesso.

A bell hooks (2013) traz uma reflexão interessante em *Ensinando a transgredir*, quando afirma: "a língua é do opressor, mas mesmo assim eu quero falar com você". Ou seja, a linguagem que nos foi imposta através de um processo civilizatório absolutamente execrável (um processo colonial estúpido, grotesco, que matou, dizimou sociedades e nos impôs um idioma que não foi de nossa escolha) é a mesma língua que herdamos e na qual hoje nos comunicamos. No entanto, não podemos simplesmente abrir mão dela

como estratégia comunicativa; precisamos usá-la, inclusive, para nos rebelar contra ela e contra os processos civilizatórios que a sustentam.

Isso é o que acontece ali no *ball scene*, na cena *voguing* dessa Nova York de meados do século XX, onde aqueles sujeitos que foram excluídos socialmente por meio desses marcadores que eu falei, acabam recorrendo às linguagens que lhes eram próprias, que lhes eram comuns, utilizando referenciais estéticos que ali estavam como estratégia subversiva. E onde está o subversivo nisso? A partir do momento que um *voguer* (um performer), do seu modo, captura determinados códigos estéticos, padrões, utiliza performances gestuais, ou ainda padrões que são estabelecidos por meio da indumentária como modo de performatizar aquele gênero hiperbólico de feminilidade que a revista *Vogue* representa na mídia.

Um outro conceito epistemológico que me é útil neste caso é a ideia de memória. A memória como uma forma de perenizar caoticamente referenciais, inclusive os de gênero. Quando um sujeito performatiza um ideal de feminilidade, ele performatiza na sua própria versão, uma vez que a memória - e eu recorro a Bergson (1999) -, muito embora ela diz respeito a elementos do passado que são gravados inclusive no corpo. Ela o faz, mas por meio de uma abertura a novos processos de construção. Então, a memória está longe de ser uma transcrição. A memória é a replicação caótica, pessoal e inexata de referenciais que são apontados por ela. Então, o que os *voguers* fazem, é superdimensionar, hiperbolizar, um ideal de feminilidade do século XX, e, portanto, rasurá-lo na medida em que impõe ali novas possibilidades de existir socialmente ou novas possibilidades de existir dentro daqueles conceitos de gênero.

O *voguing* funciona como uma produção de deslocamento de discursos. Porque muito embora a revista *Vogue* esteja propagando um ideal de feminilidade, um ideal de sujeito mediado por relação de consumo, esses sujeitos (os *voguers*), satirizam esses modelos ideais e, ao mesmo tempo, o revisitam com as possibilidades que lhes são apresentadas. Assim, os *balls* vão surgindo dentro desses espaços, dentro da comunidade transgênero marginalizada como forma de reconhecer o desejo daqueles sujeitos de se perceberem como relevantes, de se perceberem como singulares.

Ao mesmo tempo, nós temos um sistema que nos conduz a essa obsessão pela singularidade. E mesmo quando os sujeitos tentam imitar uma celebridade, eles o fazem buscando imprimir uma singularidade própria, um modo particular de performatizar aquela figura. Ou seja, esses sujeitos estão inseridos nesse cenário e, portanto, fazem uso e se nutrem dessa prerrogativa como forma de performatizar o gênero, a identidade de

classe e a identidade étnica, valendo-se dos mesmos marcadores que historicamente operam como dispositivos de exclusão.

Isso é relevante porque nos permite retomar o próprio conceito de poder em Michel Foucault (2015), especialmente quando ele enfatiza a necessidade de analisar as microrrelações sociais. Para Foucault (2015), a investigação do poder deve ser conduzida de forma ascendente: parte-se do cotidiano, das práticas ordinárias e dos modos de existência e resistência dos sujeitos, para então compreender como se estruturam as estratégias mais amplas de dominação. Nesse sentido, importa observar como os indivíduos se apropriam e reapropriam das lógicas de poder em seu dia a dia, uma vez que, para o autor, o exercício do poder não elimina a resistência, ao contrário, a pressupõe e a produz. Considerando meados e a segunda metade do século XX nos Estados Unidos e, progressivamente, em escala global, vemos emergir esse cenário com clareza: a eclosão da AIDS torna-se um marcador fundamental para legitimar políticas de exclusão e intensificar a estigmatização de corpos gays e de outros corpos dissidentes em relação às normas heteronormativas.

E chegando o final do século XX, a gente tem aí uma política extremamente conservadora, falando aqui do conceito norte-americano na era Reagan, em que a produção hollywoodiana se volta toda para aclamar um ideal de núcleo familiar heterossexual e branco. Podemos observar isto em diversos exemplos, de *Rambo* a *Top Gun*, até *Cur-tindo a Vida Adoidado*. São filmes absolutamente apropriados por um modelo ideológico estadunidense de doutrinação sobre o ideal de sujeito, ideal de pessoa.

E, com a entrada no século XXI e a expansão massiva da internet, observa-se uma transformação significativa no conceito de espaço, a partir do qual compreendemos o *voguing* como prática originalmente marcada pela segregação, mas também como dispositivo que possibilitou a congregação da cena *Ball*, dos bailes e da cultura *Vogue* de modo mais amplo. Com o advento das redes sociais, esse campo começa a adquirir novos sentidos, ampliando-se as possibilidades de circulação e visibilização dessas performances dissidentes. Nesse processo, o *voguing* opera como estratégia de rasura dos regimes de visibilidade hegemônicos, pois esses corpos, ao performarem, reivindicam não apenas o direito de aparecer, mas o direito de permanecer na cena social e política. Em outras palavras, trata-se de sujeitos historicamente banidos e expulsos dos dispositivos institucionais de reconhecimento, que, ao se tornarem visíveis, reafirmam sua existência e o exercício de um direito propriamente político.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

FEATHERSTONE, Mike. **Consumer Culture & Postmodernism**. London: Sage, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Ana Luiza Pinheiro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MORIN, Edgar. **As estrelas**: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufba.v15i0.74468

Como citar: CARMO, Roney Gusmão do. *Corpos em Performance: "Voguing" e Dissidências nas Narrativas Urbanas*. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 131-141, 2026.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL